



EXPRESSO	-4. OUT. 1979	AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
PAIS		PODER POPULAR	

## Mala diplomática



Eduardo Paz Ferreira

### Um discurso surpreendente

NEM A gigantesca operação de propaganda montada em torno da deslocação a Nova York do primeiro-ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo (que chegou a apresentar encontros do primeiro-ministro português com ministros de Negócios Estrangeiros de países como o Paraguai como importantíssimos acontecimentos para a política externa portuguesa) poderá escamotear a evidente realidade de que Portugal muito pouco terá lucrado com uma missão que parece ter sido dominada por uma preocupação de promoção pessoal e da qual resultaram seguramente mais alguns equívocos e dificuldades para aqueles que têm de assegurar a continuidade da política externa portuguesa.

Em primeiro lugar, a natureza do V Governo Constitucional e a sua existência efémera não justificavam a deslocação às Nações Unidas de um primeiro-ministro cujos auditores saberiam desde logo que não tinha nas suas mãos os instrumentos para assegurar que a política externa portuguesa teria o rumo que considerava desejável. Em segundo lugar, a escolha de temas reflectida pelo discurso do primeiro-ministro tem muito mais a ver com as suas preocupações ideológicas e teóricas do que com questões concretas que se colocam a Portugal como prioritárias no campo externo.

Quanto às questões concretas, de resto, não se pode dizer que Portugal tenha marcado posições muito diversas daquelas que vêm sendo assumidas desde o 25 de Abril de 1974 como foi patente em pontos como o do Médio Oriente, África Austral, Timor Leste ou as negociações para o desarmamento.

Novidade terá sido, pelo menos em relação aos últimos anos, a ausência de qualquer referência concreta ao projecto de integração de Portugal nas Comunidades Económicas Europeias (no preciso momento em que, em Lisboa, Lorenzo Natali lembrava que dos países candidatos se esperava uma clara manifestação de vontade política) bem como o pudor com que, na linha do Programa de Política Externa do V Governo se continua a considerar a nossa presença na NATO e apesar do Presidente da República ter afirmado ainda há dias não ser só por condicionalismo geoestratégico ou por tradição histórica que nos integramos na Aliança Atlântica.

Novidade e surpresa também não puderam deixar de ser os termos em que Maria de Lurdes Pintasilgo colocou a questão da Nova Ordem Económica Internacional e dos seus reflexos sobre o nosso país que situou, sem mais, ao lado dos países pobres, sem cuidar das especificidades que resultam para o nosso país da circunstância de nos encontrarmos num grau intermédio de desenvolvimento e de não sermos produtores de matérias primas.

Ao mesmo tempo, temas como o dos Direitos do Homem em que Portugal poderia ter uma palavra de particular relevância perdiam o impacto possível, quando o caso da recusa de asilo a Miguel Trovoada dava ainda a exacta e restrita dimensão do humanitarismo que o Governo português afirmava no plano dos discursos, comprometendo em termos bastante gravosos a legitimidade do Portugal Democrático na matéria.

A orientação futura da política externa portuguesa terá, em qualquer caso, como é evidente, muito pouco a ver com que o V Governo Constitucional fizer durante a sua vigência e assim não há que prestar uma importância excessiva a este discurso. A tentativa de abertura universal e de diálogo, bem como o esforço, de novo retomado de aproximação aos países árabes poderão ficar como os aspectos mais positivos desta jornada.

o Futuro